

O diálogo social solidário na resignificação da periferia

Julio Cesar Gonçalves¹

1 Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso), integrante do Grupo Internacional de Pesquisa Mídia, Cidade e Práticas Socioculturais (MidCid) da Uniso e bolsista Capes. Contato: goncaju2@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1687-7715>.

Resumo

Resenha do livro ROVIDA, M. *Jornalismo das periferias – O diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

Palavras-chave

Livro, jornalismo, periferias.

Abstract

Review on the book ROVIDA, M. *Jornalismo das periferias – O diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

Keywords

Book, Journalism, peripheries.

Foi em um fato corriqueiro, a cobertura de uma rádio sobre o engarrafamento de trânsito provocado por um caminhão na Marginal do Tietê, em São Paulo, que Mara Rovida encontrou tema para sua tese de doutorado, depois editada no livro *Jornalismo em trânsito – O diálogo social solidário no espaço urbano*, indicado ao Prêmio Jabuti 2016. Agora ela retorna às livrarias com outra pesquisa que igualmente ganhou corpo a partir de um fato cotidiano: um debate estudantil despertou-lhe o interesse pela produção jornalística de comunicadores profissionais que atuam na periferia. O resultado é a obra *Jornalismo das periferias – O diálogo social solidário nas bordas urbanas*, fruto de dois anos de trabalho de campo e no qual a autora reafirma sua linha epistemológica, que tem a descrição densa de Clifford Geertz como prática, a divisão do trabalho social de Emile Durkheim como referência e a comunicação dialógica de Cremilda Medina como visão de mundo. Bem como a sua convicção de que o jornalismo e a pesquisa social se encaixam.

Essa certeza transpira em cada um dos cinco capítulos do livro, pois em todos é possível identificar a argúcia do pesquisador mesclada à curiosidade do jornalista ou vice-versa, sempre acompanhadas por reflexões próprias de um e de outro. Logo no primeiro deles, *Descoberta*, essa conexão fica bem clara, pois já de início Rovida (2020) afirma haver pontos de contato entre as duas áreas. Contudo, longe de dar ênfase a esse aspecto, o propósito do capítulo propriamente é o de inserir o leitor no percurso da pesquisa, compartilhando com ele desde o instante de concepção da ideia, que brotou durante um encontro organizado para seus alunos no curso de Jornalismo, às reflexões de um pesquisador/repórter que precisa readaptar a pesquisa/pauta à dinâmica da realidade encontrada. Costurando tudo isso, são apresentados os referenciais teóricos que embasam o trabalho.

Esboço de caminhos

O debate estudantil tinha a finalidade de discutir a profissão de jornalista e a presença da mulher nesse universo, mas chamou atenção a apresentação feita por uma das convidadas, sobre seu trabalho no site *Nós, Mulheres da Periferia*, que descortinou “um universo de pesquisa ainda desconhecido por quem

acompanhava sua fala” (ROVIDA, 2020, p. 18). Para Rovida, foi a oportunidade de mais uma vez promover um diálogo entre a práxis comunicacional e a produção acadêmica, tal como fez no seu livro anterior. Fica-se sabendo então que os passos seguintes foram a busca por subsídios teóricos para alimentar o debate acerca da cidade e suas especificidades geográficas e simbólicas, bem como por informações sobre o jornalismo independente, que na definição de Roseli Figaro (2018) oferece arranjos alternativos à mídia hegemônica. Foram então identificados e contatados seis jornalistas de quatro grupos comunicacionais: *Periferia em Movimento*, *Nós Mulheres da Periferia*, *Agência Mural de Jornalismo da Periferia* e *Alma Preta*. É sobre eles que se vai ler nos próximos capítulos.

Mas antes disso, o leitor fica sabendo das peripécias da autora para conciliar sua agenda acadêmica, marcada por rigidez de prazos e horários para entrevistar fontes sem rotinas de jornada ou mesmo local fixo de trabalho. Sua necessidade de, por conta disso, ter que adaptar alguns procedimentos metodológicos das teorias com a prática dos sujeitos dessa pesquisa – por exemplo, a impossibilidade de adotar *ipsis literis* a descrição densa da etnografia de Geertz na imersão de campo diante da inexistência de uma rotina das fontes ou mesmo de agenda, o que a levou a recorrer às entrevistas abertas e ao acompanhamento à distância de alguns acontecimentos. Está informado de que um dos pressupostos para identificar os produtos analisados seria o de que eles fizessem parte da rede Jornalistas das Periferias e dessem ênfase em suas narrativas aos eixos raça, gênero e classe, sugestão de uma das primeiras fontes de informação da pesquisa, que como outras sugestões foram incorporadas no processo. E por fim, fica-se sabendo exatamente como classificar o livro que se tem em mãos para decidir se prossegue ou não com a leitura: trata-se de um estudo acadêmico sobre “um fenômeno comunicacional (o jornalismo das periferias), desenvolvido por sujeitos (jornalistas que moram nas periferias) em um determinado contexto (a Região Metropolitana da Grande São Paulo)” (ROVIDA, 2020, p. 38).

Porém à essa altura, envolvido por um texto fácil, tecido com a fluidez e simplicidade que devem ter os textos jornalísticos aliadas ao rigor científico

exigido pelos trabalhos acadêmicas, o leitor já está de mãos dadas com a autora, percorrendo com ela o caminho da pesquisa, como se a acompanhasse desde o florescer da ideia e fosse tomado pelas mesmas indagações e reflexões surgidas durante o percurso. Então constata estar trilhando um caminho sem volta, tal o interesse despertado por seguir a leitura (ou seria jornada?) até o final. Quando lá chegar, ainda terá a surpresa de acompanhar uma conversa entre Cremilda Medina e Mara Rovida.

Marcos conceituais

Com toda introdução inicial, o que vem a seguir parece um tanto familiar ao leitor, que conhece os protagonistas, o contexto em que eles se inserem e o que se espera aprender com cada um deles. Acima de tudo, ele tem clara percepção da epistemologia que embasa toda a pesquisa, embalada por reflexões provocadas por Cremilda Medina de que o jornalismo deve ser entendido como ação coletiva promovida por sujeitos ativos em um contexto social. A prática jornalística, portanto, é uma mediação social, dependente da interação entre sujeitos, um pressuposto de Medina que Rovida abraça e propagada: “Seria difícil livrar-se de perspectiva teórica tão marcante para indicar que casualmente escolhas metodológicas foram feitas para lidar com um fenômeno desafiador” (ROVIDA, 2020, p. 34).

Por essa perspectiva, é imprescindível, tanto ao jornalista quanto ao pesquisador, uma abordagem imersiva para aproximação com os sujeitos em foco. É aqui que entra a descrição densa da etnografia de Geertz. Afirma ele que o etnógrafo lida com uma multiplicidade de conceitos e estruturas, amarradas umas às outras “que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2008, p. 7). Ao apresentá-lo, deve estar ciente de que importante não são os significados atribuídos por quem observa e sim aqueles engendrados pelos próprios sujeitos da pesquisa. Ou seja, não se trata de observar apenas e sim de interagir. Não é simplesmente narrar o que se observou e atribuir significados às

suas observações, mas sim registrar, compreender e apresentar os significados que os próprios sujeitos da pesquisa atribuem às suas ações e percepções. É uma “estratégia de pensar *com* eles e não *sobre* eles” (ROVIDA, 2020, p. 38).

Essa interatividade remete a um novo marco conceitual: a ideia do diálogo social solidário, conjugação da Solidariedade Social Orgânica de Émile Durkheim com a Dialogia Jornalística de Cremilda Medina, pensamento que Rovida vem enfatizando em sua obra. Como pontua a autora ainda no primeiro capítulo, sob a ótica durkheimniana uma das principais características das sociedades capitalistas é a expansão e a intensificação da divisão do trabalho. Com o crescimento das especializações, cresce a interdependência desses grupos, o que estabelece uma rede de solidariedade orgânica entre eles. Ao observar a atuação do repórter de uma rádio na cobertura de um engarrafamento de trânsito numa das principais vias de acesso de São Paulo, que resultou no livro anterior, Rovida (2015) identificou a dialogia jornalística de Medina através da rede de solidariedade criada em torno do motorista do caminhão que ocasionou um incidente.

A reação do público foi amistosa ao caminhoneiro, ao contrário do usual, graças à forma como o repórter desempenhou seu papel de mediador social. Ou seja, o jornalista demonstrou habilidade em aglutinar a polifonia e a polissemia de suas fontes de informação, de seu público e dele mesmo, um dos fundamentos do jornalismo dialógico de Medina (1996). Neste livro de Rovida (2015), essa solidariedade se materializa na rede que se forma entre produtores de comunicação jornalística das periferias, até como uma exigência para o fortalecimento desses arranjos alternativos ante a produção massificante em todos os sentidos da mídia hegemônica.

A periferia por ela mesma

De posse desse roteiro conceitual, a leitura torna-se ainda mais prazerosa e instrutiva. Prazerosa porque bons textos sempre dão prazer a quem tem hábito de ler. E instrutiva porque, além do contato com autores de pouca difusão acadêmica apesar da consistência e relevância de seus trabalhos, é possível acompanhar a prática de como operar com os referenciais apontados no início. Isso inclui desde

o rigor nas anotações para o diário de campo – foram 24 horas e meia de trabalho de campo, treze delas dedicadas a entrevistas – até observações como a de que uma das entrevistadas, após muitas remarcações de agenda, optou por conversar na biblioteca Mario de Andrade, centro da cidade, pois assim poderia aproveitar seu dia de folga para comprar cosméticos naquela região, onde os preços saem mais em conta. Um detalhe que pode parecer insignificante em outros tipos de pesquisa, mas que neste torna-se indispensável.

Como também é indispensável compreender qual o significado que os moradores das periferias dão aos espaços que ocupam, tema do segundo capítulo, *A periferia pelos periféricos*, no qual Rovida (2020) apresenta um território sem a carga de conceitos que circulam em torno da palavra. A ressignificação da periferia ganhou forma a partir dos anos 80, no espaço deixado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e movimentos sociais e ocupado por três agentes – igrejas evangélicas; Primeiro Comando da Capital (PCC), facção que comanda o crime organizado de dentro dos presídios; e a produção cultural que vem da periferia, tendo o grupo de rap Racionais MC's como um dos principais propulsores. Ao invés de um espaço de pobreza e miséria, a periferia torna-se um lugar de potência. A tese é do sociólogo Tiarajú Pablo D'Andréa (2013), invocada por Rovida (2020) na sua intenção de apresentar outros olhares e significados para as periferias. Também a historiadora Maria Beatriz Nascimento, ativista do movimento negro no Brasil, comparece com sua hipótese de que a forma de sociabilidade criada no tempo dos quilombos permanece nas periferias, onde igualmente pode-se observar um sentimento de identidade coletiva vinculada ao território. Nesse processo as palavras ganham outro sentido. *Quebrada*, que designava um espaço marcado por abandono e insegurança, passou a ter um posicionamento ativista, engajado, sinalizando mudanças de comportamento e atitudes.

Diante disso tudo, que tipo de jornalismo se pratica na periferia e que jornalista consegue, às duras penas, sobreviver fora do circuito *mainstream*? As respostas vêm nos dois capítulos seguintes. Em *Jornalismo das periferias* apresentam-se resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida em 2019 pela

Rede Jornalistas da Periferia para mapear esses arranjos alternativos na cidade de São Paulo no qual foram identificadas 97 iniciativas, o que demonstra haver certa resistência à hegemonia. Um perfil dos participantes demonstra que a maioria, embora tenha feito faculdade de comunicação (principalmente jornalismo) identifica sua produção como iniciativa de comunicação e não de jornalismo. E a entende como um instrumento na luta por dar representatividade à população periférica, esquecida pela grande imprensa ou por ela estigmatizada. Em suma, como conclui Rovida, a militância é a motivação dessas pessoas. “O jornalismo das periferias é, portanto, uma prática jornalística embasada pelos tradicionais valores dessa arte de tecer o presente potencialmente mediadora do diálogo social” (ROVIDA, 2020, p. 143). A reivindicação pelo direito social à informação está nela embutida.

Em sequência, em *Jornalistas da periferia*, o livro traz um perfil dos seis profissionais com atuação nos quatro grupos estudados. Mas o resultado que apresenta é válido para todo o coletivo dessas iniciativas. Mesmo sem se conhecerem, eles se aproximam por seu engajamento e biografias em comum, enfrentam igual distância geográfica e desvalorização identitária por conta de suas origens sociais. Enfim, aprendem que o “CEP é importante nas relações e o recorte urbano é mais complexo do que o mapa a ser decorado para a prova” (ROVIDA, 2020, p. 156) afirma a autora no subcapítulo que fecha essa parte. A bem dizer, trata-se de uma crônica na qual seu olhar capta a trajetória desses atores num eterno *looping* que vai acompanhá-los desde infância até o despertar para o movimento de outros tantos que, iguais a si, estão no mesmo embate pela defesa de uma pauta. “Nesse novo capítulo da jornada, o jovem adulto se torna referência e contribui como o novo adjetivo atribuído ao bairro de infância: potência” (ROVIDA, 2020, p. 157).

Um diálogo

Apesar de intitulado *Ponto de chegada*, o quinto capítulo não é verdadeiramente o último, reservado ao posfácio que o segue, mas que se enquadraria muito bem como mais um dos capítulos dessa narrativa, tal ele se

encaixa em todo contexto. Nas considerações que faz nesta quinta seção, Roviada (2020) chama atenção para o resgate do ideal do fazer jornalístico identificados nesses produtores. Anota que o jornalismo das periferias é um fenômeno em expansão e reafirma resumidamente alguns pontos epistemológicos apresentados no início: o jornalismo produzido na periferia da Região Metropolitana de São Paulo é uma mediação dialógica, processo formado pela tríade fontes e personagens, mediador e público; a visibilidade da solidariedade orgânica promovida pela dialogia jornalística e

insere o público dessas narrativas em uma dinâmica solidária, ampliando o escopo de acontecimento dessa forma de interação social pautada pela interdependência, o aqui é nomeado como diálogo social solidário. [...] Nas bordas urbanas observa-se, portanto, o diálogo social solidário (ROVIDA, 2020, p. 161).

Intitulado *Ensaïemos um diálogo (Apontamentos)*, o posfácio é assinado por Cremilda Medina, que optou por fazer observações sobre a leitura de cada capítulo e submetê-las à apreciação da autora. O resultado aparece nas últimas sete páginas do livro e traz um enriquecedor diálogo entre a jornalista/pesquisadora e uma de suas principais referências teóricas, que não poupa Roviada de algumas provocações. Logo de início, por exemplo, lembra que Roviada dá estocadas na imprensa corporativa mas que, em sua opinião, deveria fazê-lo também em certas linhas de pesquisa científica: “Burocratas do conhecimento acadêmico, assim como jornalistas enquistados no poder opinativo da mídia não diferem quanto à falta de percepção da complexidade da experiência humana” (MEDINA, 2020, p. 163).

Destaca também que uma das virtudes do trabalho é a busca de noções para substituir conceitos congelados, desmontando a leitura única que se faz da periferia e aponta que essa ruptura se dá já no título – bordas urbanas, em substituição a outros conceitos desgastados sobre essas regiões. Roviada responde a todos os apontamentos e ambas compartilham algumas reflexões, de tal forma que a conversa entre as duas torna-se um diálogo interativo, pertinente ao que foi lido.

Referências

D'ANDREA, T. P. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FIGARO, R. (org.). *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. São Paulo: ECA-USP, 2018.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MEDINA, C. (org.). *Povo e personagem*. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. Posfácio. ROVIDA, M. *Jornalismo das periferias o diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

ROVIDA, M. *Jornalismo das periferias o diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

ROVIDA, M. *Jornalismo em trânsito o diálogo social solidário no espaço urbano*. São Carlos: Edufscar, 2015.

Submetido em: 15 out. 20 | aprovado em: 20 nov. 20